

Polo universitário atrai e estimula empreendedorismo

Condições propícias para empresas inovadoras chamam empresários para São Carlos

João Paulo Freitas

jpfreitas@brasileconomico.com.br

Em 2001, o engenheiro Clecio Aragão Biscassi decidiu mudar-se para São Carlos. Na época, ele era sócio da Enalta, voltada a tecnologia para o segmento agrícola, e percebeu que Catanduva, o município em que morava, não poderia lhe fornecer a mão de obra especializada necessária para o crescimento de sua empresa, como técnicos e engenheiros. “Viemos para São Carlos por causa das universidades, dos centros tecnológicos e das incubadoras. A intenção foi nos beneficiarmos do ambiente da cidade, que é muito propício à inovação”, diz.

Em 2005, Biscassi deixou a Enalta, mas não São Carlos. Com o fim da sociedade, o empreendedor tratou de criar outro negócio. Batizada de Officetronic, sua nova companhia come-

Fundador da Officetronic, que ficou cinco anos em incubadora, planeja faturar R\$ 1 milhão em 2010

çou desenvolvendo sistemas eletrônicos para arquivos deslizantes (que atuam na automação do movimento de armários metálicos em empresas). No ano seguinte, o empreendimento ingressou no Centro de Desenvolvimento das Indústrias Nascentes (Cedin), uma das incubadoras da cidade, onde permaneceu até 2010, ano em que faturou R\$ 550 mil.

Biscassi projeta que neste ano a Officetronic faturará seu primeiro milhão. Sua aposta para atingir tal resultado está em um sistema de gestão de patrimônio por rádio frequência (RFID, na sigla em inglês), lançado no final do ano passado. Em 2011, a empresa deve se mudar para uma nova sede, de 200 metros quadrados, no Parque Eco-Tecnológico Damha, onde Biscassi comprou um terreno de mil metros quadrados. “Estou antecipando o pagamento do terreno. Quero usá-lo como garantia para captar investimentos e iniciar a construção do prédio”.

Além de atrair empreendedores, São Carlos também tem levado pesquisadores ao empreendedorismo. É o caso de Edgar Zanotto, professor titular do departamento de engenharia química da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar). Pesquisador há 35 anos, ele é um dos sócios da Vitrovita, empresa criada na incubadora da Fundação Parque Tecnológico de São Carlos (ParcTec) há sete.

Mas a trajetória da Vitrovita não tem sido fácil. Um de seus produtos mais promissores, uma vitrocerâmica bioativa capaz de eliminar a hipersensibilidade dos dentes, não pode ser comercializada por falta de autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). “Para obtermos essa autorização precisamos montar uma unidade fabril. A empresa não tem recursos para isso”, diz Zanotto. No momento, a Vitrovita tenta estabelecer parcerias com outras empresas para iniciar a produção do material, que teve sua patente depositada em vários países além do Brasil. ■